



Fe y Alegría

Desafios e novas fronteiras da educação popular no século XXI

(Algumas reflexões e propostas para enfatizar os desafios e desafios a partir das reflexões dos países) ¹

INTRODUÇÃO

Embora a pandemia tenha castigado com especial virulência as populações mais vulneráveis, fortaleceu a nossa criatividade, promoveu uma maior articulação entre nós e com as comunidades educativas, e reforçou o nosso compromisso com uma educação popular de qualidade. Estamos conscientes de que a educação popular não tem apenas a ver com o sujeito da educação, que são os mais vulneráveis, mas também com os conteúdos, que partem da sua cultura e das suas necessidades; com o seu objectivo, que é construir uma sociedade justa, sem marginalização e exclusão; e com uma metodologia que busca criar mecanismos de diálogo e participação democrática. Esta concepção da educação popular e a nossa opção por garantir a todos e a todas a educação de qualidade obriga-nos a trabalhar para gerar um pensamento novo sobre a educação pública, que não é a do governo, mas a que é da sociedade, de toda a sociedade. Quando hoje falamos de sociedade, referimo-nos a uma sociedade globalizada. E assim como a paz, as migrações e a proteção do meio ambiente as consideramos hoje tarefas globais, também a educação tem que converter-se numa responsabilidade compartilhada por todas as sociedades. É este o sentido do convite

¹ Redactores: Antonio Pérez Esclarín, Vicente Palop y Beatriz Borjas.





Fe y Alegría

do Papa Francisco a que nos juntemos ao Pacto Global para a Educação, convite que acolhemos com entusiasmo.

I.- Além das fronteiras... O que os países trazem

A fronteira se tornou uma palavra emblemática na época atual. Podemos comprová-lo com as numerosas notícias nos meios de informação que nos mostram os rios de pessoas que tentam atravessar as fronteiras do México para ir aos Estados Unidos, ou tentam cruzar as selvas do Darién no Panamá, ou o deserto no Chile, ou os barcos de africanos que ficam encalhados nas águas do Mar Mediterrâneo... E foi precisamente com esta palavra que quisemos identificar este Congresso. Um Congresso que nos deve levar a repensar a educação popular nas novas fronteiras. Cabe-nos, então, imaginar que estamos nesse lugar, nesse espaço em trânsito que limita, separa e une dois territórios; esclarecer-nos onde estamos e para onde devemos ir quando atravessamos o limite do nosso próprio território.

E daí, os coletivos de docentes e diretores de cada Fé e Alegria nacional têm estado refletindo, durante estes longos meses de crise sanitária, sobre o primeiro dos três temas que são tratados neste Congresso. Cada país, desde o seu contexto, foi observando onde se encontrava, seu lugar particular e atual, antes de olhar além de suas fronteiras em busca de outros horizontes porque sentiam que necessitavam saber com o que contam para fazer essa viagem em busca daquilo novo que vai surgindo em suas fronteiras.

Ao relermos as sínteses destes debates internos, vamos configurando uma cartografia de preocupações, de desafios, mas também de certezas comuns que vão constituindo os pontos de Fé e Alegria.

Continuar aprofundando nossa identidade de educadores e educadoras de um Movimento Integral de Educação Popular, é uma constante na maioria dos países que enviaram a síntese de suas reflexões em torno deste primeiro foco, porque "pertencemos a uma história que dá força ao nosso presente" como afirma Fé e Alegria





Fe y Alegría

Guatemala; com o compromisso permanente de "colocar sobre a mesa o grau de identidade como educadores populares" acrescenta Fé e Alegria Equador. E esse trabalhar continuamente a identidade do Movimento tem que fazer-se desde a particularidade da maioria dos centros educativos na América Latina, como "escolas públicas de gestão privada", "uma identidade que desconhecem parte da sociedade civil e alguns funcionários do Estado" como alerta Fé e Alegria Peru.

Destas reflexões vão emergindo, portanto, as diferentes fronteiras internas pelas quais deve transitar Fé e Alegria para responder não só aos seus princípios fundadores, mas também às políticas educativas que regem em cada país. Por exemplo, diante do discurso da qualidade educativa que só se mede através de provas padronizadas, se lança um alerta: não perder nosso norte, já que é importante "mover as fronteiras da injustiça". Desde Fe y Alegría Chile escutamos, então, o desafio de "construir um sentido compartilhado do que significa qualidade" ao interior do movimento que expresse "nossa preocupação com aqueles que ficam para trás, por aqueles que não têm acesso garantido ou não têm acesso à qualidade que merecem". É tempo, então, nos dizem, de "não se nublar com os resultados e não deixar de fora o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. É importante buscar o desenvolvimento integral".

No entanto, não é tarefa fácil nos advertem desde Fé e Alegria Paraguai porque "em relação à ação pedagógica, a educação popular de Fé e Alegria encontra-se capturada, oprimida e impossibilitada pela educação formal-burocrática do sistema educativo que "promove práticas pedagógicas que reproduzem a informação, sem dar oportunidade à investigação, criação... E sem perceber e analisar a realidade, para transformá-la".

Também da Fé e Alegria Argentina nos apresentam a mesma inquietação com as seguintes perguntas: "Como compatibilizar as exigências da educação formal do sistema educativo com o que a educação popular requer? Como fazê-la realidade no centro, quando sentimos que muitas vezes a estrutura do sistema educativo formal nos encerra? Como caminhamos como escola com os pilares da educação popular?"





Fe y Alegría

Estamos conscientes de qual é a razão profunda desta dificuldade; porque quando desejamos fazer viver os princípios da Educação Popular entram em confronto diferentes intencionalidades em nosso trabalho educativo. Por um lado Fé e Alegria a Itália nos assinala que precisamos conseguir "a inserção do estudante na sociedade de maneira positiva e produtiva e que depois, como cidadão, participe em propostas e afazeres que tenham impacto positivo em seu entorno". Por sua vez, Fé e Alegria Nicarágua nos adverte de um risco: "converter a educação em um meio para inserir-se no atual mundo globalizado... implica aceitar as terríveis desigualdades e a desumanidade em que vivemos", por isso, é preciso continuar insistindo sempre em que "a Educação Popular aposta em recuperar e fomentar o potencial transformador de cada pessoa como sujeito de sua história e da história."

E neste ir e vir entre o que nos demandam desde fora e desde dentro de nossas fronteiras atuais, as Fé e Alegria nacionais estão conscientes de que "precisamos estar atentos às mudanças de cenários provocadas pelas transformações sociais, culturais e econômicas", como resume em português Fé e Alegria Brasil. Por isso, segundo Fé e Alegria a Nicarágua a relação com as comunidades adquire um sentido particular porque é o meio para "conhecer suas potencialidades e problemas e assim visualizar os processos de mudança e comprometer-se juntos na solução dos problemas para melhorar".

No entanto, a visão da UE tem vindo a enfraquecer nos nossos países. Fé e Alegria Uruguai adverte em seu país tanto "um enfraquecimento do tecido social" como de "as políticas públicas vinculadas ao território" e "isso faz com que os centros educativos sejam atores que trabalham em solidão ou com poucas oportunidades de articulação". Também Fé e Alegria Brasil reconhece que "ao longo da última década, percebemos um fenômeno generalizado de enfraquecimento das redes comunitárias locais assim como os espaços de controle social cada vez mais fragilizados".

Fé e Alegria Venezuela coincide com o Uruguai e Brasil e até mesmo indaga mais profundamente sobre as razões: "Cada um destes espaços (ambiente comunitário, a





Fe y Alegría

sociedade civil e o estado) tende a converter-se; sem o ser, em espaços privados, parcelados, sem uma sinergia, que gere um efeito superior, de verdadeira cooperação". Este fenômeno sócio-político contemporâneo nos leva a responder de forma muito diversa à pergunta que se apresenta Fé e Alegria Venezuela: "Deixamos de sonhar com as comunidades ou elas deixaram de sonhar conosco?" Certamente, algumas Fé e Alegria se lamentam, como é o caso de Fé e Alegria Guatemala, que "embora se conheça o contexto da comunidade educativa se planeja pouco com base nele. Atende-se mais o currículo que as necessidades e interesses dos estudantes". Nesta mesma linha, Fé e Alegria Colômbia reconhece que "se propõe como um modelo de solidariedade e trabalho comunitário, mas pouco se vê refletido ou replicado na mesma". Por sua vez, Fé e Alegria Peru manifesta: "A relação das escolas Fé e Alegria com as comunidades se enfraqueceu com o passar do tempo, afetado tanto por fatores externos como internos". No entanto, a dimensão comunitária continua sendo uma aposta permanente tal como Fé e Alegria o Uruguai o expressa: "O centro como lugar de referência na comunidade, que gera uma relação aberta com as famílias". Fé e Alegria Brasil acrescenta um objetivo político: "Também devem fortalecer sua representação nos espaços públicos para poderem participar dos órgãos de tomada de decisões coletivas que impactam o público atendido".

Não é só na comunidade, mas também em "a instituição onde se deveria viver a solidariedade e o trabalho comunitário" acrescenta Fé e Alegria Colômbia: "Devemos permitir que a escola se torne cada vez mais comunitária, dando a possibilidade de formar todos e todas os habitantes da localidade onde presta seus serviços, desde uma intencionalidade política clara, tendo em conta a memória histórica, a cultura popular, num fluxo de intercâmbio onde a escola incida na comunidade e se deixe incidir pelos saberes populares desta".

E com estas palavras educadoras e educadores de Fé e Alegria a Colômbia tentaram, em suas reflexões, responder as perguntas que eles mesmos se colocaram: "De que maneira a educação popular deve incidir politicamente nas comunidades? E qual é o





Fe y Alegría

compromisso político dos educadores populares?" Também na Fé e Alegria Argentina enfatizam a preocupação "por articular a educação com o projeto político de um sujeito coletivo, o qual possui diversas formações e experiências".

E desde Fe y Alegría Paraguay nos recordam o papel que joga a rádio educativa no desdobramento desta intencionalidade política, porque "permite gerar a consciência crítica nos ouvintes. De modo especial, nesta pandemia, foi possível ampliar o seu campo de acção sócio-cultural, a partir dos debates."

Enquanto ampliamos o olhar além de nossas atuais fronteiras, vamos descobrindo novas fronteiras de exclusão nas quais nos tocará transitar no futuro, nas quais Fé e Alegria Equador reconhece ainda "uma fraca presença como a educação rural e intercultural, migração, violência, cidadania, gênero, xenofobia, brechas de conectividade e falta de ferramentas tecnológicas..." E ali, já olhando o que há além de nossas atuais fronteiras, para entender melhor o que acontece a nível local e territorial, adquire todo seu sentido a proposta que nos faz Fé e Alegria Espanha (Entreculturas) de "incluir a Cidadania Global (como pedagogia "irmã" da Educação Popular) no currículo e planos de estudo... como parte integrante de uma proposta transformadora".

Não obstante, a intencionalidade política vai sempre acompanhada da opção ética, razão pela qual Fé e Alegria Venezuela a aponta com força; trata-se também de "Aprofundar os valores éticos e morais para que impactem positivamente os membros da comunidade; no conhecimento e fortalecimento da cultura e identidade regional, nacional e local, despertar um sentido de proteção e preservação da biodiversidade como mecanismo de sobrevivência e continuidade da vida no planeta".

Este projeto resulta credível porque está sustentado numa concepção da educação baseada na transformação da pessoa; em palavras de Fé e Alegria Peru: "A educação que promovemos é a que nos faz crescer como pessoas, necessitamos escolas experts em humanidade, nossas salas de aula serão diferentes não por ter mais meios e recursos tecnológicos mas porque são mais humanas". Enquanto que para Fé e Alegria a





Fe y Alegría

Colômbia se trataria de construir "a escola das possibilidades ou de futuros possíveis" que somente se conseguirá se se assumir com toda seriedade o compromisso político. Isto representa um grande desafio para educadores e educadoras populares: "formar para o exercício da política como busca do bem comum, o que exige uma grande vocação de serviço".

II. - O que nos deixa a sindemia

Em nossos tempos, a única certeza é a mudança que origina uma série de transformações sociais que deveriam ser refletidas em profundidade; só assim poderemos evitar que as transformações venham impostas por determinados grupos de poder, e antes nos permitam aproveitar o movimento para começar a gerar transformações que há muito se vinham apontando no âmbito educativo.

A existência de problemáticas educativas não é um assunto novo; desde o século passado diversas autorias e correntes pedagógicas (Freire, Illich, Giroux, McLaren, Freinet, entre outros) assinalaram o domínio de uma educação transmissiva, baseada em currículos inflexíveis, Comportamentais, que privilegiam o conhecimento descontextualizado, a dinâmica do controlo e o papel reprodutivo de estruturas dominantes. A escola precisa, talvez hoje mais do que nunca, de uma reflexão que promova um saber integral, e supere esse ensino estagnado em disciplinas e âmbitos de lazer, esporte, conceitos, prática... que possivelmente está no fundo do poço. Nesse sentido, poderíamos assinalar alguns contributos que a pandemia fez emergir e que deveríamos manter e aprofundar.

- A importância da flexibilidade: Visualizamos a importância de nos aproximarmos dos nossos educandos de modo amável, detectando suas necessidades e ritmos, e para isso temos que aprender, agora mais do que nunca, a ser flexíveis nas exigências. A flexibilidade na educação é um paradigma que entronca com a proximidade e a inclusão, e pode também promover uma maior horizontalidade (diálogo de saberes) entre professores e estudantes.





- A ênfase não pode centrar-se no conjunto de conteúdos, mas em assegurar a permanência dos/as estudantes no sistema; em garantir o direito à educação, em colocar a pessoa no centro do processo educativo, em vez do currículo. Para isso, precisamos enfatizar ou priorizar o que é importante, o que é realmente necessário para a vida e para conviver harmoniosamente no contexto que estamos vivendo.

A flexibilidade pode traduzir-se em adequação de conteúdos, mas também em novos modos de entender a relação ensino-aprendizagem, onde as classes semi-presenciais (através da internet e da rádio) começam a adquirir um novo sentido, que deve ir além da pandemia. É o caso da proposta de Fé e Alegria Paraguai que busca o seguimento de estudantes em territórios periféricos, ou inclusive com pessoas privadas de liberdade, como é o caso de Fé e Alegria Argentina, ou a proposta "educomunicativa" de Fé e Alegria Venezuela onde se combina rádio, web e redes sociais.

- A recuperação do ensino não formal como fonte de inspiração para a escola formal: Desde há tempos diversas correntes de pensamento nos vinham advertindo da importância que tem o desenvolvimento de um currículo integral que agrupe e coordene na sala de aula os espaços extracurriculares. Nos nossos dias, a escola deveria olhar para os ambientes não formais para fundamentar uma autocrítica que permita adequar-se às necessidades dos alunos. Na pandemia, tornou-se evidente que a educação não formal soube adaptar-se à diversidade e configurar-se como um leque de possibilidades muito amplo; foi capaz de negociar tempos e espaços, coordenou-se com outros atores, algo que não costuma fazer a escola formal. Poderíamos mesmo afirmar que a escola formal que foi capaz de responder às novas realidades foi aquela que se transformou em escola não formal, e a partir daí soube dar respostas no contexto. Além disso, a educação formal está sendo superada por formas de comunicação mais visual, com mais penetração (vídeos, podcast, redes...). Finalmente, podemos ver que a educação formal rompe o currículo em disciplinas, considera o exame de conteúdos como baluarte hegemônico inquestionável, e não costuma levar em conta os valores





Fe y Alegría

transversais, justo o contrário da educação não formal, que lida melhor com os processos educacionais e de avaliação e interrelaciona as aprendizagens. Por outro lado, seria muito mais significativo poder trabalhar compartilhando alguns espaços, ou seja, poderíamos fundir aspectos lúdicos das ensinanças não formais com os aspectos acadêmicos (duros) das formais. Desse modo, talvez pudéssemos ter uma nova geração de aprendizagens mais significativas e procurar interações com situações reais da vida onde se conectam o emocional, afetivo, actitudinal, cognitivo e procedimental. Neste sentido, devemos privilegiar atividades que motivem, que ajudem os/as estudantes a sair da desesperança ocasionada pela pandemia, que superem o desgosto e a depressão, que promovam uma visão interdisciplinar e gerem aprendizagens significativas. Para isso, podem ser de grande utilidade, as metodologias de trabalho por projetos, as paletas de inteligências múltiplas, o uso de rotinas de pensamento, a aprendizagem colaborativa, o privilegiar a arte, a leitura e a escrita prazerosa, como sublinha a proposta de Fé e Alegria Uruguai de formação artística como aprendizagem transversal para o desenvolvimento do conhecimento. Também é importante a aproximação à pesquisa, visualizar a contribuição de cada ciência que ajude a compreender o que vivemos, a atividade física, as terapias diversas ligadas à música, o riso, os cheiros, a dança, o relaxamento e a meditação... que podem adequar-se a metodologias de educação popular ou pedagogias críticas cujas ênfase estão no diálogo e revalorização de saberes e experiências, e os processos de contextualização, problematização e transformação. Estas novas propostas estão presentes na Aprendizagem em Serviço ou nos empreendimentos com os alunos e as famílias de Fé e Alegria Guatemala e Venezuela, ou nas iniciativas de desenvolvimento local e empoderamento comunitário da Fé e Alegria Colômbia.

- A proximidade emocional como elemento fundamental para a comunicação. É necessário sublinhar, sobretudo nestes tempos de pandemia, a necessidade de apoio formativo para fortalecer melhores ambientes de convivência entre os diversos membros da família, que partilham um mesmo lugar. É urgente e necessário atender o





Fe y Alegría

estado emocional, afetivo, anímico das famílias, trabalhar para melhorar as relações entre pessoas adultas e menores, entre casais, com as pessoas de terceira idade, onde se tratem temas como a convivência fraterna e pacífica; porque a realidade nos pede que desenvolvamos capacidades para viver na proximidade. Nas contribuições dos países destacam-se experiências onde foram construídos espaços, tempos e atividades para o fortalecimento emocional de famílias, estudantes e docentes, através da formação de equipes de trabalho de educadores e gestores que dedicam tempos para o diálogo próximo que permite compartilhar estados de ânimo, crescimento espiritual, emocional, motivação e laços afetivos; Pudemos ver também como educadores e educadoras dão conta da aproximação às famílias, situação que, embora preocupasse antes, a pandemia lhes permitiu experimentar diversas alternativas para alcançar esta proximidade.

Precisamos estabelecer novos modos de comunicação mais horizontais, assertivos, de escuta, sobre as situações vividas pelos estudantes e famílias. Neste ponto, não se trata apenas de gerar mecanismos para chegar a todas as pessoas, mas de potenciar nos educadores/as a atitude de proximidade, de cuidado, de querer e precisar saber como estão, como se sentem, e o que necessitam estudantes e famílias. É a demonstração de amor que pode ser o fio condutor da comunicação que estabelecemos com eles, em particular em momentos de crise, na convicção de que é possível mudar o controle, a exigência e o cumprimento por uma relação humana, cuidados em ambientes descontraídos que ajudam a crescer.

Desde nossa experiência como movimento, neste sentido, deveríamos estudar as propostas de formação em Inteligência Espiritual que nos chega desde Fé e Alegria Uruguai ou o programa "Com Deus no Caminho" de Fé e Alegria Venezuela para o trabalho da interioridade e espiritualidade pessoal.

- As redes de solidariedade: Tem sido importante, e continua a ser, reforçar as ajudas e apoios diversos, pois as necessidades são ingentes e, segundo parece, haverá mais necessidade econômica, afetiva, de prevenção de violência intrafamiliar e de gênero,





Fe y Alegría

entre outros temas. Por isso, as ajudas no emocional e o estabelecimento de comunidades de auto-ajuda, proporcionam esse apoio imprescindível. As redes de solidariedade, por exemplo, perante o problema da escassez de alimentos e medicamentos, as dificuldades em realizar as tarefas da escola, e conseguir os materiais escolares... vão ser cada vez mais prioritárias. Para isso, precisamos gerar essas alianças, essas redes espontâneas e organizadas que nos permitam sair adiante, potencializar grupos de ajuda mútua na escola e comunidade, tarefa essencial que nos exige educar para fazê-lo possível. A propósito, vimos a criação de alianças interessantes de apoio, como grupos de famílias se ajudam entre si ou se reúnem para ajudar outras pessoas que ficaram sem trabalho e não têm alimentos, e outras experiências que nos indicam que a solidariedade é possível e se faz real desde o compromisso pessoal e comunitário que, talvez, cresce desde o silêncio e desde a interioridade.

Temos uma exigência que vai além da pandemia ou do momento social que nos está a gerar (sindemia), de repensar não só para este momento crítico; reclamam-nos uma mudança radical que deve construir-se agora. Não podemos continuar a fazer o mesmo. Mesmo que estejamos a introduzir práticas inovadoras e de transformação, temos de pensar no que nos está a pôr em causa ou a reafirmar esta crise que vivemos e para onde devemos continuar a apontar os nossos esforços. Se bem que nada disto é novo na educação, pois vem se vislumbrando desde princípios do século passado, a pandemia tem revelado a emergência educativa e com ela a necessidade de nos tirar as ataduras que não nos deixaram VER a inexistência da mudança, mas também nos mostrou as possibilidades do mesmo a partir de esperanças vividas que podem converter-se em cultura.

Durante este tempo, também normalizamos os contatos com pessoas distantes e isso nos permitiu também criar redes com pessoas diversas culturalmente e de ambientes desconhecidos, redes que vêm do transnacional ante a problemática de pessoas em estados de vulnerabilidade. O desafio é conseguir que esses contatos exalem proximidade e cumplicidade; para isso, teremos que melhorar as competências





Fe y Alegría

interculturais para uma "aldeia global" mais próxima pelas relações que estamos tecendo.

Exemplos deste trabalho podemos encontrá-los na proposta de Entreculturas (Fé e Alegria Espanha) com a inclusão de conteúdos e competências em Cidadania Global no currículo de todas as etapas e no organigrama dos centros educativos. Também em todas as propostas para a inclusão de setores vulneráveis que desde diferentes países estão se desenvolvendo: Fé e Alegria Argentina (pessoas trans) Fé e Alegria Venezuela (educação especial), Fé e Alegria Equador (diversidade funcional), etc.

- As TIC como busca consciente de recursos participativos e humanizantes: O uso dos recursos digitais nesta pandemia, foi exponencial em comparação com qualquer outro momento anterior, o que gerou novas dinâmicas que, embora não sejam totalmente desconhecidas, levam-nos a reflectir sobre novos padrões e comportamentos: (1) assistimos, nos últimos anos, a um mercado desenfreado de alternativas audiovisuais sem parar para reflectir sobre o que é necessário na actividade docente, a mudança de plataformas ou de aplicações para um ritmo desaforado do mercado da tecnologia, imprimindo um consumo que dificilmente respondeu às necessidades de aprendizagem, mais bem orientado para a geração de obsolescência planejada para ter que mudar de equipamentos por razões de estoque dos grandes super produtores de recursos digitais. É necessário incorporar directrizes de reflexão que ajudem a amadurecer as mudanças tecnológicas e, eventualmente, paralelamente a este processo, o desenvolvimento de uma agência pública para a racionalização da produção dos recursos digitais, como já se tem em muitas outras disciplinas em muitos países (como as agências nacionais do medicamento) onde se estabelecem pautas de uso e que permitam o acesso à população, além de evitar os grandes lixeiros tecnológicos. O consumo de produtos digitais tem sido sinônimo de inovação, mas esta pandemia está servindo para peneirar e pensar como o recurso informático pode ser significativo para a participação e a aprendizagem. (2) Por outro lado, percebemos de maneira dolorosa a brecha digital que se manifesta em muitas famílias e contextos que antes estava mais camuflada e agora





Fe y Alegría

nos mostrou que só uma parte da população tem conectividade de modo fluido. As possibilidades de ligação à Internet no mundo pertencem apenas a metade da população, uma vez que em muitos países o acesso requer um certo nível económico, Por isso, é necessário abrir uma reflexão sobre a acessibilidade dos recursos e os meios necessários para garantir que possam chegar à cidadania. Aqui encontramos também as boas notícias e exemplos de vida que estão dando educadores/as populares comprometidos com suas comunidades, em setores rurais e de comunidades indígenas como tem feito Fé e Alegria Equador e Fé e Alegria Venezuela, que foram de casa em casa para levar materiais e guias de trabalho aos seus estudantes, ou que instalaram todos os seus estudantes para estabelecer ligação com cada um apesar das dificuldades, exemplos que fazem parte dessas ações que geram esperança de mudança diante destas desigualdades. (3) Por último, é necessário ter em conta o controlo que todos os estados estão a exercer na população através dos dispositivos digitais, que pelas circunstâncias da pandemia, pela primeira vez não se está a esconder, e que até a própria população está a pedir que se reflecta sobre isso. Esta reflexão é particularmente pertinente no âmbito educativo, já que, lamentavelmente, não é a primeira vez que existe "depuração" nos âmbitos docentes, ainda mais se se trata da pedagogia crítica ou educação popular, pelo que é necessária uma protecção desenvolvida por uma magistratura garante de processos de liberdade de pensamento e de privacidade pessoal.

O desenvolvimento tecnológico destes últimos tempos está a permitir-nos aproximar-nos de territórios periféricos, e isto, dá-nos luz de como podemos atender a populações rurais, por vezes com dificuldades de acesso, também educacional, mas teremos que repensar como nos aproximamos para não perder a atenção próxima. A presencialidade se revelou como imprescindível para muitos processos educacionais, talvez os modelos mistos (semi-presenciais) alumiem novos modelos de atenção educativa.





Fe y Alegría

• O meio ambiente como percepção de um mundo único: A interconexão durante este tempo também nos fez perceber a nossa dependência ambiental: Estamos muito próximos e qualquer mudança no ecossistema tem consequências; Nós vimos isso nesta pandemia, e por isso talvez seja hora de começar a avaliar qual é a nossa relação com o meio ambiente, incluindo os animais que usamos na dieta, e como eles vivem antes de passar para a cadeia alimentar humana. Recorde-se também que muitos animais ingeriram grandes quantidades de antivirais, antibióticos e até pesticidas, e que muitos deles foram vítimas de deslocamentos devido às alterações climáticas ou à desflorestação, que gerou desequilíbrios nos ecossistemas, sem possibilidade de ajustamento gradual. Por conseguinte, é necessário prestar atenção a algumas propostas, como a que tem Fe e Alegría Argentina de formação em propostas integrais em chave "circular".

III. - Colocar a pessoa no centro e trabalhar por uma nova cidadania

Formação de sujeitos autônomos

Para sermos coerentes com a nossa decisão de aderir ao Pacto Educativo Global que nos propõe o Papa Francisco, e em coerência com o que afirmam a maioria das contribuições recebidas, o objetivo essencial de todos os programas educativos de Fé e Alegría deve ser a formação de sujeitos autônomos, capazes de responsabilizar-se de si mesmos, de conviver solidariamente com os outros e comprometer-se a construir uma sociedade justa e solidária. Isto implica trabalhar por uma educação que proporcione uma bússola para nos orientar neste mundo líquido, injusto e turbulento em que vivemos, e contribua para o enrumbar por caminhos mais justos e mais humanos. Uma educação que, como já o propuseram há anos, entre outros, Mounier e Freire, cujo centenário estamos a celebrar nestes dias, desperte o ser humano que todos trazemos dentro de nós, nos ajude a construir a personalidade e a canalizar a nossa vocação como construtores de uma nova sociedade e transformadores deste mundo injusto e desumano. Trata-se de cultivar todas as potencialidades da pessoa e de promover já





Fe y Alegría

não o conformismo e a obediência, mas a liberdade de pensamento e de expressão, e a crítica sincera, construtiva e honesta.

Daí a importância de continuar gestando uma educação popular libertadora que se dirija a romper a "cultura da pobreza" como geradora de pobres. Trata-se de promover nos educandos sua autoestima, a capacidade de autogestão, a compreensão do mundo moderno no qual se insere sua pobreza, a criticidade ante sua realidade. Educação orientada para mudar vidas, construir sujeitos, pessoas capazes de se levantar, organizar-se e caminhar pela vida com um projeto coletivo que lhes dá sentido. Deste modo se rompe o imediatismo e a insegurança, o horizonte mágico da sua história e o carácter vergonhoso da sua identidade. Para isso, devemos insistir em que educar é ajudar cada pessoa a conhecer-se, compreender-se, aceitar-se e querer-se para poder desenvolver em plenitude todos os talentos e realizar a sua missão na vida com os outros e para os outros, não contra os outros.

Não basta ensinar a conhecer-se e amar-se. O desafio da educação é ensinar a ser dono e senhor da própria vida. Os seres humanos são os únicos que podem construir o seu futuro, que podem inventar a si mesmos e podem inventar o mundo. "A educação faz sentido porque nós, seres humanos, somos projectos e podemos ter projectos para o mundo. O futuro não é só futuro, é também e sobretudo, por fazer". Infelizmente, em geral, a educação não ensina a viver nem a conviver, a comprometer-se seriamente na construção de si mesmos e do mundo, não nos ajuda a refletir e perguntar-nos pelo sentido da vida, nem nos ilumina sobre o verdadeiramente importante. Não ensina a criar a própria vida. A expressão tão trilhada e tão repetida de "educação para a vida" costuma significar, uma educação útil, que capacite para o trabalho, mas não uma educação que ensine a viver com autenticidade, com sentido, com projeto, com paixão. Ensinar a viver plenamente é, em definitiva, promover a liberdade. Num mundo que, cada vez mais, nos enche de correntes, que decide por nós o que podemos fazer e devemos fazer, que despreza a objetividade e a verdade, que mitifica personagens vazios; a genuína liberdade deve traduzir-se em liberação, em luta tenaz contra todas as





Fe y Alegría

formas de dominação, opressão e repressão. Como o afirmava Paulo Freire, o sonho da humanização cuja concretização é sempre processo, sempre devenir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica... que nos estão a condenar à desumanização. Só onde há liberdade há disponibilidade para o serviço, que ajuda os outros a quebrar suas próprias amarras. Ser livre é, em definitiva, viver para os outros, disponibilidade total, serviço a cada pessoa para que possa desenvolver as suas potencialidades e alcançar a plenitude.

Ensinar a conviver

Ora, a plenitude humana só é possível no encontro. Uma pessoa constitui-se como ser de relações. Toda a vida humana autêntica é vida com os outros, é convivência. A pessoa humana é impossível e impensável sem o outro. O que é próprio do ser humano, o que nos define como pessoas é a capacidade de amar, ou seja, de nos relacionarmos com outros, procurando o seu bem, a sua felicidade. Daí a necessidade de educar no amor e para o amor, na responsabilidade e no respeito, no cuidado, na aprendizagem para chegar a ser pessoas responsáveis e cidadãos honestos e solidários

O fenómeno crescente e indeterminado das migrações exige que trabalhem por uma verdadeira interculturalidade que pressupõe a valorização positiva da diversidade. Nas nossas sociedades, as diferenças tendem a transformar-se em confrontos devido à insegurança e aos receios que qualquer forma de diversidade gera. No entanto, a diferença bem entendida é um valor que nos enriquece. A incapacidade de lidar com a diversidade acaba gerando incomunicação, confronto e abismos. Isto acontece nos países, nas comunidades e nas organizações. Daí a necessidade de construir pontes num mundo de polaridades excludentes, se queremos caminhar para sociedades reconciliadas e fraternais. Conciliar não é uniformizar, homogeneizar ou silenciar os pontos de confronto, mas sim ajudar a que a diferença se converta em valor e não em abismo. Ou ajudar a que, quando se geraram abismos, encontremos o caminho para restabelecer as pontes.





Fe y Alegría

Assumir a diversidade como riqueza significa aceitar as diferentes culturas e propor uma genuína interculturalidade. A cultura não é algo accidental. Por ela e através dela plasmamos nosso horizonte de sentido, a maneira de nos entendermos e entendermos aos outros; os costumes e hábitos sociais, as idéias, crenças, valores e esperanças. Em nosso mundo global, e em nossa sociedade cada vez mais móvel, onde cerca de 200 milhões de pessoas migram e se deslocam de um lugar a outro buscando condições de vida digna, começa-se a falar de que não só há que respeitar seus direitos como pessoas, mas também os seus direitos culturais. Por conseguinte, reconhece-se que vivemos num mundo multicultural, onde coexistem culturas que se justapõem sem que haja uma verdadeira interação entre grupos diferentes. O desafio consiste em passar do multiculturalismo que afirma as diversas culturas, que podem conviver juntas sem se deixarem questionar ou influenciar pela outra, onde os dominados para sobreviver devem conformar-se às normas e princípios da cultura dominante, à interculturalidade que é sempre um processo bidireccional que nunca pode ser unilateral já que se baseia no encontro, na comunicação e no intercâmbio. Por conseguinte, a interculturalidade não é apenas um processo cultural, é também um processo ético e político que reconhece no intercâmbio um facto positivo e enriquecedor. Integrar equivale a aperfeiçoar-se mutuamente mantendo as diferenças, tender a um todo que se sustenta sobre processos de aculturação, acomodação, influência e interação... capaz de afirmar que os outros costumes, as outras crenças, as outras histórias, os outros sonhos são também os meus. Em nós coexistem todos os sangues, todas as cores, todas as diferenças porque em cada ser humano se substancia a história inteira. Em suma, a interculturalidade significa afirmar que o outro diferente está também dentro de mim.

Convivência e democracia

Ensinar a conviver significa trabalhar para estabelecer verdadeiras democracias orientadas a promover e possibilitar a vivência dos direitos humanos de todos. As chamadas democracias puramente eleitorais, baseadas na exclusão de muitos, na





Fe y Alegría

desigualdade e na corrupção, não são formas participativas de organizar a sociedade. Mas a solução não é a imposição autoritária e repressiva de supostas igualdades na pobreza e na impotência. Por isso, temos de trabalhar em prol de uma democracia que inclua a participação de todos no acesso à informação com plena transparência, no acesso aos bens através de serviços públicos de qualidade e na redistribuição equitativa dos bens, em dar peso às vozes mais débeis para que façam valer os seus direitos e as suas contribuições. Onde ninguém se sinta no direito de decidir o que os outros devem pensar, acreditar, fazer. Onde ninguém fique excluído do direito a trabalhar, possuir, organizar-se, expressar-se, viver.

Uma democracia, em suma, destinada a garantir o bem comum, que é a sua razão de ser. Que acabe com um Estado como negócio privado do partido que governa e se converta em garante do bem-estar para todos. Um Estado que não pretenda substituir as capacidades da sociedade, mas facilitar a participação de todos na construção do bom viver. Um Estado que, pela transparência e pela legislação adequada, dificulte e puna a corrupção; que, pelas múltiplas formas de participação organizada, impeça a concentração do poder; um Estado forte, mas não autoritário.

Os regimes autoritários provocam a submissão que acaba por frustrar a capacidade de iniciativa e de criatividade. Por isso, não lhes importa uma pobre educação para os pobres, ou pretendem utilizá-la para, mediante processos ideológicos, manter o povo submisso e obediente.

Convivência e espiritualidade

Educar para a formação de sujeitos autônomos e cidadãos honestos e solidários, comprometidos com o bem comum, supõe também educar para a vivência profunda de uma espiritualidade encarnada e comprometida, como comunhão com Deus, com as pessoas e com a natureza. A espiritualidade está centrada no Reino de Deus, alimenta-se de um Deus que só busca e quer uma humanidade mais justa e mais feliz, tem como centro e tarefa decisiva construir uma vida mais humana, e convida-nos a





Fe y Alegría

combater tudo o que a ameaça. É uma espiritualidade de olhos profundos e contemplativos, capazes de ver com misericórdia os rostos dolorosos dos irmãos; de mãos parteiras da vida, sempre voltadas para o necessitado; de pés solidários, capazes de aproximar-se do ferido e ferido; de ouvidos abertos, atentos aos gritos de dor e às vozes e cânticos dos que celebram a defesa da vida; de boca profética que denuncia a injustiça e anuncia que o Reino já está entre nós, ainda que não em sua plenitude, e permite sentir e saborear o sabor da presença de Deus no meio de nós; de entranhas de misericórdia prenes de vida; de coração apaixonado e corajoso, pulsando em cada fôlego de vida, onde todos os necessitados podem encontrar abrigo e amor.

A necessária articulação entre espiritualidade e política exige que compreendamos a espiritualidade como o caminho político da ternura, capaz de considerar a diversidade de culturas e rostos como riqueza, capaz de incluir também o rosto da natureza, dos animais, das plantas, dos rios, das árvores e das montanhas; enfim, o rosto da própria vida. Espiritualidade como sabedoria do coração que nos impele a amar os outros e a empenhar-nos na defesa da sua dignidade e do seu direito irrenunciável a uma vida digna. Precisamos recuperar a sabedoria das nações iroqueses que consideravam "a espiritualidade como a forma mais alta da consciência política".

IV. - Rumo à criação de centros educativos populares como lugares de acolhimento, inclusão e vida comunitária, microcosmos da nova sociedade e sementes do Reino.

As respostas de alguns países enfatizam a necessidade de que Fé e Alegria se comprometa com mais decisão em gestar uma escola popular própria, original, que responda a nossos postulados e aos contextos, de modo a que se torne já uma espécie de microcosmos da sociedade que pretendemos. Corremos o risco de as nossas escolas continuarem a ser semelhantes às outras ou de o seu prestígio não vir dos critérios da educação popular libertadora que temos vindo a proclamar. Aceitar este desafio vai exigir-nos, entre outras coisas, reler os nossos modos de proceder e os currícula para





Fe y Alegría

que respondam às nossas intencionalidades e às exigências da diversidade dos diferentes grupos com os quais trabalhamos. E vai significar reestruturar e reorganizar os nossos centros, o que nos obriga a ir muito além das mudanças de maquiagem e das inovações que estão na moda, para ver se são realmente centros de acolhimento e inclusão.

Como uma pequena contribuição para essa construção oferecemos-lhes alguns indicadores que podem lançar luzes:

- + O centro conta com um claro projecto educativo-pastoral-comunitário, que integra e articula todos os programas, actividades e equipas, construído com a participação de todos os membros da comunidade educativa, que responde à realidade do entorno e dos educandos lida desde a missão e os valores evangélicos, com objetivos e metas concretas, em permanente revisão, avaliação e reconstrução. Pais, alunos e docentes participam no planejamento, execução e avaliação do projeto educativo-pastoral-comunitário. O projeto educativo parte de um diagnóstico objetivo do contexto e do que vivemos, somos e fazemos, de nossas fortalezas e fraquezas, das ameaças e oportunidades, e trata de confrontá-lo com o sonho da escola que queremos.
- + Equipa de direcção que se responsabiliza pelo andamento do projecto, pela qualidade das relações e das aprendizagens, com vocação pedagógica e verdadeira liderança (com autoridade e não só poder), A liderança genuína, ao estilo inaciano, é uma liderança de serviço, inspira confiança, acredita nas pessoas, promove a criatividade e a autonomia. Os verdadeiros líderes são ousados, inconformados, desafiam a ordem estabelecida e tentam transformá-la. Procuram que as pessoas se sintam bem, se identifiquem, se comprometam e cresçam. Os líderes de serviço dão aos seus seguidores uma causa pela qual viver e se esforçar; superam o autoritarismo e o paternalismo; não geram dependência, mas estimulam a criatividade e a proposta; delegam, atribuem responsabilidades, exigem, confrontam. Acreditam que todos têm valores a contribuir e ajudam-nos a desenvolvê-los. Os Estados têm a capacidade de se colocar na posição dos outros para compreender antes de julgar, por isso, esforçam-se para que as pessoas





Fe y Alegría

se sintam tomadas em consideração, valorizadas e reconhecidas. Querem tirar o melhor de cada pessoa e fazer de gente comum gente extraordinária.

+Equipes de educadores que concebem a educação como um projeto ético, capacitados e comprometidos com a humanização de nossa sociedade, que se esforçam cada dia por ser melhores e fazer melhor a sua tarefa para poder dar exemplo com a sua palavra e com a sua vida dos valores que querem semear e colher nos seus alunos. Educadores que valorizam a sua profissão e se sentem orgulhosos dela, com expectativas positivas para todos e cada um dos seus alunos.

Educadores, que se organizam em redes, peritos em colaboração, que pensam, refletem e planejam juntos, se ajudam, se trocam propostas, pesquisas, avaliações, preocupações; pois entendem que a qualidade é uma exigência tanto pessoal como coletiva.

Educadores que refletem permanentemente suas práticas para aprender delas, que treinam para a ação, ou seja, que não só ajudam a construir conhecimentos, mas a construir hábitos, atitudes, valores, estilos afetivos. Educadores em formação permanente, não tanto para aumentar o currículo e sentir-se superiores, mas para servir melhor os alunos, que por isso concebem os novos diplomas e títulos não como degraus que os elevam e afastam dos outros, mas como degraus que lhes possibilitam descer até o nível dos alunos mais carentes e necessitados, para ajudá-los a surgir e realizar-se.

Educadores que cumprem os seus deveres e defendem activamente os seus direitos e exigem uma remuneração adequada e um bom tratamento, que lhes permita viver com dignidade, exercer com alegria a sua profissão e continuar a formar-se.

+Equipes de educandos de todo tipo: esportivos, culturais, científicos, jornalísticos, de oração, música, teatro, aprendizagem, pesquisa, serviço social... com estilos e modos de proceder coerentes com a missão do centro educativo, bem articulados ao projecto pedagógico-comunitário-pastoral do centro, em constante revisão e avaliação, para melhorar. No centro ou programa educacional todos aprendem e aprendem com todos.





Fe y Alegría

O respeito, a valorização da diversidade, a fraternidade, a solidariedade, mais que discursos ou enunciados teóricos, são vivências permanentes. Deste modo, os educandos aprendem a competir consigo mesmos para poder compartilhar melhor, de modo que mais do que competitivos, todos vão se tornando cada vez mais competentes, mais conscientes, mais cuidadosos, mais compassivos e mais comprometidos.

Educandos capazes de assumir e utilizar criticamente as novas tecnologias, muito conscientes de suas potencialidades formativas e comunicativas, mas também de alguns possíveis perigos. Entre eles, o fato de a pessoa se perder no anonimato das redes e se diluir sua condição de sujeito de direitos e deveres. O excesso de informação pode levar também ao reino da superficialidade e inclusive à dependência de uma informação inabalável, na qual abundam os volumes, mentiras, manipulações e tudo vale por igual. Por outro lado, nestes tempos de modernidade líquida e pós-verdade, em que tudo é incerto, relativo, inconsistente, podemos perder os princípios e valores fundamentais e ficar sem raízes onde nos afirmar e sustentar nossos projetos e nossas vidas.

+Pedagogia sociocrítica que garanta coerência com os postulados e intenções.

Proclamamos frequentemente fins muito valiosos, mas o que fazemos nega ou impossibilita aquilo que pretendemos. Daí que a pedagogia exige a reflexão permanente da prática (o que fazemos) para adequá-la às intencionalidades (o que pretendemos) e aos contextos (a realidade dos alunos, do centro, da comunidade, do país, do mundo). A pedagogia crítica precisa de educadores que estimulem a pergunta, a reflexão crítica sobre as perguntas, para superar o absurdo de uma educação que exige respostas a perguntas que não interessam. Educadores que promovem a análise crítica de discursos, regras, propostas e fatos; das atitudes autoritárias e dogmáticas, tanto da realidade escolar como da problemática nacional e mundial, que capacitam para reconstruir e reinventar o mundo. Análise crítica que não aceita a "normalidade" de um





Fe y Alegría

mundo desumano e se faz denúncia corajosa de tudo o que atenta contra a vida, de todas as injustiças, as falsidades, as manipulações, as mentiras.

Pedagogia que analisa criticamente o uso do poder. Se realmente procuramos, mediante a educação, capacitar ou fortalecer os sujeitos sociais para que sejam capazes de promover em todos os âmbitos pessoais, familiares e sociais, relações verdadeiramente democráticas, não há dúvida da importância de analisar criticamente o exercício do poder nas estruturas organizacionais e nas relações educativas, Temos claro hoje que o uso que fazemos do poder o converte em dominação ou em força construtora do novo, mas também aprendemos que o poder opressivo não se revela, nem o empoderamento dos grupos relegados e excluídos se constrói a partir de discursos de participação e democracia. Isso só pode ser uma aprendizagem no concreto das nossas relações sociais.

Isto vai exigir-nos a análise desprejuiciado de nossas estruturas e organigramas, e do modo ou estilo de proceder e relacionar-nos cotidianamente, tendo como referente a Jesus, que nunca utilizou o poder em seu próprio benefício, senão que optou pelo poder como serviço, poder para fazer crescer as pessoas, para as libertar das amarras e limitações. Este tipo de poder, embora o proclamamos, é muito difícil pois o poder (e tudo o associado a ele: privilégios, fama, benefícios, servilismo dos súditos, concepção de superioridade...), nos seduz e nos prende.

Por isso, o modo de proceder em nossos centros de trabalho (escritórios, emissoras, escolas, institutos, centros de capacitação...) devem expressar os valores que pregamos (simplicidade, austeridade, amizade, solidariedade, trabalho responsável, serviço, fé, alegria, otimismo, esperança,...). Infelizmente, continuam a existir entre nós as estruturas patriarcais, autoritárias, discriminatórias, que, em vez de empoderar, oprimem, segregam, excluem.

+O aspecto físico manifesta cuidado, limpeza, carinho, criatividade, respeito e preocupação do coletivo. Os centros são simples mas bonitos, lugares de acolhimento e de inclusão, nos quais se vive realmente e por isso se aprende a viver, a conviver, a viver





Fe y Alegría

para os outros. Cultiva-se o amor à natureza, a consciência ecológica, a fraternidade cósmica, a austeridade e o compartilhar.

+Respira-se um ambiente de motivação, compreensão, acolhida, respeito, convivência, no qual se respeitam as diferenças de gênero, raça, sociais, culturais, dos modos e formas de aprender, e se assume a diversidade como riqueza. Valorizar o diferente e os diferentes implica também tratar com cortesia, trabalhar juntos, respeitar, cuidar dos mais débeis.

+Defendem-se os direitos de todos e de todas, especialmente dos mais débeis e necessitados, e pratica-se a discriminação positiva, ou seja, atende-se com especial cuidado e dedicação aos alunos com maiores problemas, carências e dificuldades. É urgente que nos interroguemos e analisemos objectivamente se estamos realmente a dar atenção aos mais necessitados e excluídos, aos que a pandemia expulsou do sistema, aos que, devido à sua situação e precariedade, nem se colocam a possibilidade de estudar num centro de Fé e Alegria. Por isso, não basta esperar que venham, temos que sair para buscá-los. Isto vai exigir que analisemos o nosso discurso de ir às novas fronteiras para detectar as novas formas de exclusão para além dos motivos económicos, como podem ser os motivos raciais, de gênero, religiosos, de atraso, de alguma deficiência.

Daí a necessidade de analisar e rever os requisitos e exigências que colocamos para ingressar ou permanecer em nossos programas educativos, de modo que realmente priorizemos os que estão sendo excluídos e combatamos os mecanismos de exclusão, pois não é suficiente que admitamos os alunos segregados por algum tipo de discriminação, mas devemos trabalhar para que permaneçam nos programas educativos o maior tempo possível de modo a garantir o seu êxito e evitar o seu fracasso. Isso vai significar garantir a todos as condições necessárias (em alimentação, saúde, recursos, úteis...) para garantir sua permanência e suas aprendizagens.

O centro se vincula e "se enreda" com as escolas vizinhas, com as organizações educativas, sociais e comunitárias que buscam objetivos semelhantes e se liga à





Fe y Alegría

problemática do entorno, do país e do mundo. Ela se preocupa com a educação de qualidade de todas as crianças, jovens e adultos da comunidade, do país e do mundo. Defende e promove por isso a educação como bem público, o que pressupõe educação de qualidade para todos e, conseqüentemente, defesa da educação pública, que não é a do governo, mas a da sociedade, de toda a sociedade.

Em suma, o Centro torna-se um local de acolhimento e de acolhimento, de inclusão dos excluídos, no qual se propicia a compreensão crítica da democracia vivida no cotidiano e na sociedade, mas de uma consciência ética que faça do indivíduo sujeito de mudança e protagonista na construção de genuínas comunidades democráticas. Por isso, educa-se para a verdadeira participação política e para o exercício pleno da cidadania. Trata-se de que as pessoas consigam entender e experimentar de um modo prático que é possível avançar na realização dos valores humanos e cristãos que sustentam a verdadeira convivência, a paz e a justiça, e que vale a pena trabalhar incansavelmente para construí-los e defendê-los.

A título de conclusão

Estamos bem conscientes de que as nossas realidades nem sempre respondem aos nossos desejos, e que a transformação das nossas escolas em verdadeiros centros de acolhimento e inclusão, para que se transformem em microcosmos da nova sociedade, ou em termos evangélicos do Reino, vai exigir-nos muito esforço, busca, aprendizagens e intercâmbios. Mas continuamos empenhados nisso para sermos fiéis à nossa identidade como Movimento de Educação Popular. Por isso, os problemas e as dificuldades em vez de nos entristecerem reforçam a nossa resiliência, o nosso esforço, a nossa criatividade. e a decisão de continuar cada vez mais articulados e "emaranhados", para ser mais coerente com as nossas proclamações e sonhos.

